





O CASTELLO TIROL

## Uma por outra

(Continuação)

Nem Pia, nem nada. Durante tres, quatro, cinco dias, não me appareceu o vulto do Castello. Não sabendo que em tomara no sótão, e natural que não viesse alli ás nossas horas de outro tempo. Também podia estar doente, ou fora, na roça ou na cidade. A idea de que se houvesse mudado só me ardeu no fim de illas semanas, e admittir que não houvesse pensado nisto mais cedo.

— Murlou-se, e o que é.

A esperança fêz-me que era impossível haver-se mudado. Mudado para onde? Onde não uma moça, cujo busto ficava tão bem no escuro da janella e no alto do morro, e um espaço para se deixat admirar de longe, levantar os braços, e tão em direitura do meu sótão? Era impossível; assim ninguém se muda.

Já então escreveu o recitativo das *Ondas*, e mostrou-me duas poesias que fizera depois de chegar: *Guinabara* e *Milhas Flores*.

— Qual acha mais bonita?

— Ambas são bonitas.

— Mas uma hade ser mais que a outra, insistiu Estella; e impossível que o senhor não ache differença.

— Tem a differença do assumpto; a primeira canta a cidade e as aguas; segunda e mais intima, falla das flores que não puderam esperar pela dona, e comparas ás felicidades que também não esperam; eis a

mentira, mas por não saber contá-la. A como vai como me lembra e a pen a sahe, que não é muito nem pouco. As mathematicas não so venceram a fantasia, mas ate quizeram arabat com os versos; disse-me que nem fosse mais a casa de Estella.

— E o que vai fazer; nem versos de homens nem de mulheres. E depois, já penso de mais naquella espivitada...

Espivitada! Dahi alguma semana a lembrança deste nome enchia-me de remorsos; estava apavorado por ella. Achava-lhe os versos deliriosos, a figura angelica, a voz argentina; fingindo com divina *missa divina* toda ella uma perfeição, uma lascivação, uma salvação. Os versos que fiz por esse tempo não tem conta na arithmetica humana. A musa entrou-me em casa e poz fora as mathematicas. Ficou ella so, e os seus metros e consoantes, que ainda não eram ritos nem raras como agora. As *flores* que rim ei com *autores*, os *versos* que rim ei com *versos*, podiam receber outros mundos e cobri-los a todos. Ella era menos fecunda, que eu, mas os versos continuavam a ser deliriosos. Já então eu os declarava tales com enthusiasmo.

— Não está caçoando?

— Não, meu anjo! Pois eu heide...? São lindissimos; recita outra vez.

E ella recitava, e eu ouvia com os olhos em alvo. Projectámos imprimir e publicar os nossos versos em um so volume commum, com este titulo: *Versos della e delle*. A idea foi minha, e ella gostou tanto que começou logo a copiar os em um livro que tinha em branco. As composições seriam alternadas, ou as de cada um de um, e a outra de uma parte do livro? Nesta questão

— Sabes que não sou de crimes retrospectivos. Queres tu vel a? Agora que vozes dous estão para casar, e nunca se conheceram, hade ser curioso verem-se e reconhecerem-se; eu direi a Margarida que és tu, mas que tu não sabes; tu ficas sabendo que é ella e que ella não sabe.

MACHADO DE ASSIS.

(Continuação)

## Uma scena da vida maritima

A fragata «Clorinde» chegada ha quinze dias a Cayena, havia fundeado, não muito longe da embocadura do rio, a entrada da «Angra cavada». A «Clorinde» devia estacionar por muitos mezes na colonia.

Todos os dias, pela manhã, de Brate, o commandante, ia para terra; o immediato fazia outro tanto com os officiaes depois de honeriar a uma grande parte da equipagem. Não ficavam a bordo senão uns trinta homens, occupados em reparar algumas avarias insignificantes, e a maior parte das vezes, em mata fezar.

Um official de quarto o commandava.

Era uma bonita e boa fragata a «Clorinde» e o commandante de Brate um amabilissimo moço.

Um dia, eu estava de quarto; os meus camaradas tinham ido para terra muito cedo, e assim sosinho fui me aborrecendo, aborrecendo-me horivelmente, fazia um calor torrido; chegava ao maximo da sua força. Uma ligeira nuvem de



## A JOVEN JARDINEIRA

Estella olvia-me com os olhos muito abertos, e toda a vida nelles. Uma sombra de sorriso mostrava que a minha apreciação lhe dava gosto. Após alguns instantes abanou a cabeça.

— Parece-me que o senhor gosta mais da *Guinabara*...

— Não, ha tal!

— Então não presta?

— Que idea, D. Estella! Pois um talento como o seu ha de fazer versos que não prestem?

— Acha-me talento?

— Muito.

— E' bondade sua. Então a outra é que lhe parece melhor?

Como teimasse muito, acabei de bom aviso concordar que uma dellas era melhor, e escolli *Milhas Flores*. E pode ser que fosse assim mesmo; *Guinabara* era uma reminiscencia de Gonçalves Dias. Pois a escolha foi o meu mal. Estella ficou meio alegre, meio triste, e chabi em diante quando me mostrava alguns versos, e eu os achava bons, tinha de lutar muito para prevaler; respondia-me sempre que já da primeira vez a enganara.

A accção do tempo fez-se naturalmente sentir, em relação á moça do Castello. Um dia vi alli um vulto, e creither que fosse a minha incofista; tinha uma blusa branca; attentei bem, era um homem em mangas de camisa. Fiqui tão vexado de mim e daquella interminavel esperaçã, que pensei em mudar de casa. A alma do rapaz é que principalmente reagiu, — e as mathematicas venceram a fantasia, — cossa que perdurou ter feito muito antes. Conto assim a minha historia, sem confiança de ser credo, não por ser

gastamos muitos dias. Afinal resolvemos alternar-as.

— Uns serão conhecidos pela propria materia, outros pela linguagem, disse eu.

— Quer dizer que a minha linguagem não presta para nada?

— Que idea, minha Estella!

— É acho que não tem razão; não presta.

Como estávamos sos, ajoelhei-me e jurei pelo céu e pela terra, pelos olhos della, por tudo o que pudesse haver mais sagrado que não pensava assim. Estella perdoou-me e começou a copia dos versos.

Nisso estávamos, eu ia pouco á Escola, e via raras vezes o Fernandes; este um dia levou-me a um café, e disse-me que ia casar.

— Tu?

— Sim; caso-me no principio do anno, depois de tomar o grão, e mal sabes com quem.

— Pois também eu caso-me, disse-lhe dahi a alguns segundos.

— Também?

— Ainda não está pedida a noiva, mas é certo que me caso, e não espero o fim dos estudos. Hade ser daqui a mezes.

— Não é a do Castello?

— Oh! não! Nem pensei mais nisso: é outra e falta so pedir-lhe autorisação e falar ao pae. E' filha de um negociante. Conheci-a a bordo.

— Que singular caso! exclamou o Fernandes. Sabes tu e em quem me caso? com a moça do Castello.

Explicou-me tudo. Sabendo que a noiva morára no Castello, fallou-lhe de mim e do nautico; ella negou, mas elle insistiu tanto que Margarida acabou confessando e rindo muito do caso.

nem a mais leve aragem vinha do largo, nem a mais mansa ondulação alterava a superficie das aguas unidas como um espelho. O calor soffocava. Não podendo suportar o camarote, mandei levar o meu «Toking-chair» para o tombadillo, e alli, molemente recostado, abrigado pelo toldo, fechava de vez em quando os olhos sem mesmo ter coragem de folhear o livro que tinha nas mãos.

O timoneiro acabava de bater meio dia.

A equipagem, depois da refeição, estendida pelo convex, tentava dormir.

De vez em quando o mestre de manobras, Peros, fazia um signal, um homem se levantava, tomava um balde, enchia-o de agua salgada e inundava as taboas abrasadas. Tudo isso era enfadonho, aborrecido, por não era a ordem que tinhamos.

Difficilmente eu ia passando por uma madorna, quando fui pelo mestre acordado em sobresalto.

— Tenente, disse-me elle com seo chapéo de palha na mão os mecos ali, que não estão fazendo nada, pedem permissoão para apanharem um tabarão, a fim de se destrahirem um pouco; o homem que tirou agua vio passar um pelo costado da fragata.

— Onde isso, mestre?

— A bombordo.

Levantei-me com presteza, sacudindo-me da moleza e da fadga e subi sobre o banco de quarto de bombordo. Dahi vi, andando entre duas aguas, um grande esqualo negro, que mergulhou; depois reapareceu passado um momento mostrando o ventre de um branco sujo.

— Va, mestre, disse eu a Peros; faça armar um esmerilhão; por em, os homens que tenham cuidado, não

vão receber alguma dentada ou alguma rabanada; a você é que em responsabiliza, mestre tome as suas precauções.

A um signal de Peres um homem correu à bateria voltou imediatamente trazendo um enorme anzol de ferro munido de uma forte corrente. O marinheiro trazia igualmente um pedaço de toucinho que lhe havia dado o dispensado, e por muito favor!

O enorme anzol espetado no toucinho foi atirado ao mar. Dois tubarões lançaram-se logo sobre a isca, porém mergulhavam bruscamente. No entretanto o toucinho os tentava, pois voltaram logo e desajustaram novamente e ainda uma vez viraram à flor d'água. Volta do se sobre as costas mostravam o ventre branco e faziam ranger seus medonhos dentes. Passavam pelo pedaço de toucinho que mestre Peres agitava, porém não osavam local-o.

— Como estes tratantes são mitrados! dizia o mestre entre dentes, porém eu sou mais esperto do que elles. — Ora! isto é magra! acrescentou elle em voz alta, decididamente esses diabolos não pegam...

— Oh! sim mestre Peres, disseram os homens; oh! sim espere um pouco, elles estão querendo pegar.

— Calem a boca, esses pedaços d'asma, replicou mestre Peres em voz baixa, com sua habitual doçura; aquellos patifes comprehendem tudo como se fossem homens! Ah! não querem mesmo perseguir elle fingindo-se aos esqualos; ah! ista bom; ficará para uma outra vez.

Suspende então a linha para recolhê-la. A isca não estava uma braca fora d'água, quando um dos tubarões se lançou sobre ella e enguliu-a glotonamente.

— Assim mesmo, rapaz! exclamou Peres, amarrando a corrente a um dos porta-ovens, assim mesmo! estas agarrado, patife, estas seguro! Iça! rapazes, iça! mas livrem-se das rabanadas.

No entretanto o esqualo não parecia fazer esforço algum; os homens pegavam na corrente com precaução e ficavam em.

O tubarão subiu a meio d'água. Deo de repente uma rabanada e abastanilo os homens, mergulhou. Fez esse esforço varias vezes, e de cada vez mergulhava; porém a corrente resistiu.

Alguns minutos depois conseguiram metter o monstro a bordo, aos gritos de alegria de marinha.

Peres pegou em um fardo, alorio-lhe o ventre e tirou o fígado para comer.

Com um machado, despitendo a columna vertebral, como tambem algumas tiras de pelle para fazer raspadores. Um gumeo por excesso de curiosidade recebeu uma rabanada que felicemente causou-lhe mais susto do que mal. Quanto a carne do tubarão torrada em pedaços e atirada ao mar.

O companheiro do esqualo devotou-a logo, e alguns momentos depois, vi outros monstros que tinham sentido a carne fresca e vinham reclamar uma parte do seu camarada delto.

Vitei para tambadillo muito desgostoso com essa scena, e estava passeando de um lado para outro, quando dei com os olhos em um brique mercante, ancorado a duas amarras da «Cloridea».

Um rapazinho que não podia ter mais de 12 annos lavava um bote que se achava encostado ao brique. Os homens de bordo, sem duvida estavam dormindo, o grumete estava pois sosinho. Parecia estar muito ancho da sua occupação. Despejava agua, esfregava, raspava, e cantava a bom cantar. Tinha bunitas e cabellos louros, frisados, physionomia intelligente, era um bonito menino!

Parci e puz-me a olhal-o; sem duvida elle apercebeo-se disso e cutiu com mais força. Andando de um lado para outro no bote, e muito entusiasmado com o que estava fazendo, cahiu-lhe um remo ao mar.

O grumete fez machar a embarcação, depois pondo-se de joelhos a bordo, arremçou a manga da blusa e tentou agarrar o remo.

Tres vezes seo pequeno braço mergulhou, tres vezes o remo escapou. De repente deu elle um grito terrivel.

Um tubarão acalava de agarral-o pelo punho. O bravo menino com a outra mão bato fortemente sobre a cabeça do esqualo: com os pés no fundo do bote, segurava-se elle para resistir.

Do segundo aranco o tubarão tomou-lhe o ante braço, do terceiro, quasi ate ao hombro.

O grumete deo um derradeiro grito e desapareceo. Do tambadillo desci a uma embarcação, por baixo da escala granile; dois homens ahi já se achavam. Ein dois segundos estavam encostados a brique.

Sobre o mar calmo e unidos via se uma grande mancha vermelha, era tudo.

Um pouco mais distante o tubarões vinham a superficie d'agua.

Pobre menino! tão contente, tão alegre, tão feliz, tão cheio de vida!...

E tu valente grumete! Elle se tinha defendido.

Voltei moçoado para b rlo: comprehendia então as torturas pelas quais os marinheiros poucos momentos antes tinham feito passar o heroz esqual. Desejei ter sol meus jos um desses terribes monstros para fazer o em pedaços.

Pobre menino! seo grito supremo me não podia sair da imaginação.

Os homens a bordo, detavam ao mar azules eom sea, porém não riam-se mais.

A desgraça que acabava de se aceter não deixava nada um desses homens sempre em face da morte — Amanha, sera talvez a ti!

Enfim, depois de muitos e variados esforços um grande esqualo foi ligado a bordo.

Os marinheiros precipitaram se sobre elle e o rethuraram a machadadas. Peros, de joelhos, era o que com mais ardor esquartujava.

Eu o vi levantar-se de um salto e voltar o rosto forçando os olhos, a face cahiu-lhe das mãos.

Aproximei-me, sem attar com o que fosse aquillo, e recuei por minha vez retendo um grito de horror.

O monstro estava ajerto e se agitava nas ultimas convulsões da agonia. No meio de destruições informes e sangrentos viase distinctamente uma pequenina mão humana cortada pouco acima do punho.

GEORGES PRUNIER

### Flores do Ipe

SOBRE A PAYSAGE DE FLORES DE IPE DE ANTONIO PALESTRAS

No rio que cimo aos pés lhos rojas,  
Como um mendigo aos pés dos reis,  
Dos lillhos todos se despoja  
O manto regio dos ipes.

Orgulho vão! sonho do nada!  
Gloria, ideal, tu es talvez  
Como a pyramide formada  
Da copa de ouro dos ipes.

Frazes de amor de uma alma grata,  
Da doce amante cabreiros,  
Como o collar que se desata  
Dos aureos ramos das ipes.

Beijos que dei, beijos que guarda  
O coração em viveuz!  
A mesma sorte vos aguarda  
Das flores murchas dos ipes.

Visão radiosa que eu abraço!  
Musa! Na doce embriaguez  
Ficam do rasto de teu passo  
Flores dispertas dos ipes.

A tua voz, a alma que arqueja,  
A alma que chora, quanta vez!  
Toda de risos se estrelleja  
Como de flores os ipes.

Flores de luz, estrellas de ouro,  
Do teu na eterna potandez  
Rolais tambem como thesouro  
Que cae dos braços dos ipes!...

Mastros! no abysmo de esmeralda,  
Como seus troncos ficareis  
Quando o tufão desengrinalda  
A ramaria dos ipes.

Versos! meus gritos, meus delirios,  
Unicos ouros da nudez,  
Laureis de fogo dos martyrios  
Que ardem nas frentes dos ipes!...

Almas desertas! Reflecti-os  
Como na tetrica induez  
O espelho nu dos nocivos rios  
Reflecte as flores dos ipes.

ALBERTO SILVA

### CHRONIQUETA

6 de novembro de 1897.

Escrevo esta chroniqueta sob a impressão do ignobil attentado de que hontem fui sendo victima o Presidente da Republica, e no qual perdi gloriosamente a vida o bravo marechal Machado Bittencourt, ministro da guerra.

Foi mais um symptoma dessa estranha fatalidade que peza sobre os destinos da Republica Brasileira, e mais um pretexto a heredeo aos inimigos da nossa Patria, para badalarem de longe contra o Brasil.

Não creio que o assass no estivesse no pleno uso da sua responsabilidade moral, não creio que algum armasse o braço homicida que ameaçou o chefe do Estado, assassinou um marechal e feriu um coronel do exercito brasileiro; mas se, illudindo todas as previsões do meu espirito, ha na realidade uma influencia occulta que machinasse tão nefando crime, torna-se imprevedivel e urgente a mais severa das lições.

O sr presidente da Republica, sem sahir dos limites que lhe foram traçados pela Constituição, tom todos os elementos reaes para aniquilar os assassinos, se os ha. Elle que se revista de toda a energia, e tome por modelo a alma de bronze do seu illustre antecessor, do grande Floriano Peixoto, cujo nome e invocando no coração de cada brasileiro todas as vezes que um novo infortunio se abate sobre a nossa Patria.

Tudo o castigo sera suave para o infame que carregou aquella garrucha e afiou aquella punhal.

Para consolar-nos desta desgraça, cujas consequências ninguém pôde prever, falamos... De que?...

A nossa peça mais arroba e pensosamente se amasta sobre o papel. Neste momento so podermos escrever com legittimas

LEGRAIN

### THEATROS

8 de novembro de 1897.

O *Sacrificio de Colombo* vivem no Sant'Anna apenas o espaço de duas representações; portanto, *parce* *sepultos*.

No Recreio tivemos a *Cerza de Júpiter*, magica em muitos quadros, muitas allegothes, muitas tramoiias, e muitas visualidades e muitas pilherias. Os dois principaes papéis estão confiados aos populares artistas Pêpa e Frandão. O publico applaude e parece disposto a levar a peça pelo menos ao meio centenário!

No Apollo voltou a *scena a Falsa de inverno*, com a sra. Londina (Orati) substituindo a sra Ismenia Mathens, substituição de que não nem, absolutamente ninguém se queixou.

E ahi está o que se nos offerece dizer dos nossos theatros...

N. Y. Z.



### LEGRAIN

Rua Saint-Denis, N° 195-197

PARIZ

Os Colletes Legrain são notaveis por sua elegancia verdadeiramente parisiense, tem uma forma admiravel, nunca são nocivos.

Chassaign & Cia  
6, Avenue Victoria, Paris.

Comp. Arredataria de Vichy  
8, Boulevard Montmartre, Paris.

Os Comprimidos do Vichy  
preparados com os saes extrahidos das  
AGUAS DE VICHY Fontes do Estado  
fazem muito bem a todos os doentes que se allega  
as aguas naturaes de essas fontes.  
Georges PRUNIER & Cia 23 Avenue Victoria, Paris  
A VAREJO Em todas as Pharmacias

Reconstitue o peral do Systema nervoso, Neurasthenia.

### NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-XAROPE  
NEUROSINE-CAPSULAS  
NEUROSINE-GRANULADA

Deposito Geral:  
CHASSAIGN & Cia, Paris 6, Avenue Victoria

De Indica geral,  
Atencia, Pharmacia, etc.  
Ettaque

## A separação

A passadeira pililava tidente, pousada na frondosa ramagem da floresta virgem e saudava a risonha aurora, que apontava além, lá na orla do horizonte azulado. A natureza como que despertava daquelle lethargo profundo em que sóe cabir na quadra hibernal, de tristes langores, e parecia reviver aquecida pelos célicos e vivificantes raios do príncipe dos astros... As folhas faralhavam lestras, impellidas pela brisa, que perpassava sussurrante por entre os coqueiros da campina e, de queda em queda, vinham mergulhar-se nas ceruleas aguas do regato dormente. O mar pairava silencioso no fundo da enseada e suas aguas, ora mansas, ora irrequietas, vinham quebrar-se de encontro ás penedias, que orlavam a costa...

Nesta sublimae manhã, de divinaes encantis, Elle devia partir. Poucos momentos somente, e estaria no meio do Oceano a ouvir o matulhar das vagas e o lufar do ventilaval, embalado pelas ondas nas azas funereas da nostalgia, da nostalgia dolorosa do lar. Lá embaixo balouçava já vagaroso e fumegante, o bojo do transatlantico, que devia arredal-o dos afagos carinhosos da idolatrada n'iva...

Na escada do navio, que já já a partir, estreitavam-se saudosos, num amplexo derradeiro, destillando lagrymas pungentes e dordidas, cheias de desesperação.

Emfim, o navio oscillou e deslisou mansamente deixando no céas, absorto, o corpo angelico do Anjo, que soluçava melancolico, acenando, em vão, para o gigante dos mares, que já corria celere, que já voava longe...

Além, nas brumas do horizonte, divisava se ainda um vulto fugitivo, pequenino, indeciso...

Era o navio, que desaparecia já no pélagio tenebroso, de vagas rugidoras!

GERVASIO FALCÃO.

## Na Flauta

Andava de uma alegria fresca o Placido Xavier, a quem a esposa presenteara com um interessante e louro bambino, que, no dizer das pessoas da familia, era o retrato fiel do pae.

O Placido não cabia em si, trazia prezo nos labios um sorriso perenne, e mo namorado satisfeito após uma entrevista amorosa.

As exigencias da vida burocrata tiravam ao rapaz momentos de ventura, o que muito ralava os seus cuidados de pae amoroso.

Funcionario de fazenda, obrigado ao peso de calculos arithmeticos que lhe pejavam o cerebro de batalhões de algarismos, o Placido era muitas vezes assaltado no meio do labyrintho dos calculos pela visão risonha do louro bambino e lá se ia todo o esforço de muitas horas, porque o rapaz não atinava com a solução procurada.

Estes factos repetiram-se muitas vezes, até que um dia o chefe da repartição teve necessidade de advertir ao Placido, recommendando-lhe mais cuidado no trabalho.

Depois de assignar o ponto sentava-se á sua mesa resolvido a não distrahir-se para não errar o calculo. Dahi por momentos o impertinente sorriso de sempre começava a mover insensivelmente os labios do Placido, que dominado já por uma sensação que lhe subtrahia todas as facilidades, não tirava todavia os olhos do papel em que traçara os caracteres numericos, repetindo no meio de uma abstracção completa uma operação de somma:

— Vejamos de novo: 7 e 4 são 11 e 9 são 20. Muito bem... E o Placido escrevia 2 na casa das unidaes e depois continuava.

— De 20 vão 2, e 8 são 10 e 9 são 19. Agora vou bem... E escrevia 9 na casa das dezenas.

De 19 vão 9 e 7 são 16 e 5 são 20. Perfeitamente... E o operador escrevia o ultimo achado, encontrando para a somma 2092.

Tirada a prova o erro posto em evidencia.

Desesperado, quasi fóra de si, o Placido erguia-se

precipitadamente da cadeira, dava um pequeno passeio para distrahir-se e accendia um cigarro.

Sentava-se novamente á mesa disposto a identificar-se com os algarismos, e recommençava a operação.

Novos e repetidos desastres succediam-se, até que soava a hemaventurada hora de fechar o expediente.

O Placido assignava nervosamente o ponto, collocava o castor na cabeça e raspava se ruído de casa sem dizer o cabalístico *até a manhã* aos companheiros.

Quando o Placido chegava perto de casa resolfo gava, sorvia um longo hausto e o sorriso de sempre assomava-lhe aos labios, desenhando-se na visão do rapaz a imagem risonha do louro bambino.

Um dia o Placido teve logo pela manhã uma decepção cruel. — Lendo os jornaes deparou com esta local, que para o rapaz teve o effeito de uma bomba fulminante.

«Foi demetido do logar de 2º. escripturario da alfandega desta cidade o cidadão Placido Xavier, por inaptidão provada e reincidência de erros de officio».

O Placido teve uma syncope mas d'hi por diante conciliou o seu excessivo amor paternal com as conveniencias do ganha pão.

T. DE O.

(Do Arauto)

## MOSAICO

Uma mulher do campo vae á botica com uma receita. O medicamento constava entre outras coisas de tres centigrammas de um veneno muito forte. O boticario pesa com grande attenção a droga perigosa quando no melhor da operação, grita dalli a mulher:

Veja lá, quer-se bom pezo: é para uma orphã.

A mulher que ama faz tudo o que pode, e a mulher que é amada faz tudo o que quer.

Não me atres com pedrinhas

Que eston a lavar a loiça;

Atira me com dois ais

De modo que ninguém oiça.



IDYLIO NA FLORESTA DE SPREE

Quizera mostrar / O mal que padeço; / Não lhe dá lugar / Quem lhe deu começo.

Sou cheio não tenho graça / E' disforme o genio meu; / Não tenho bens de fortuna / Mas que culpa tenho em?

Solus

E envelhecera assim, naquella existencia egoistica sem afeições e sem affectos, arredado do mundo como que inimigo de toda a raça humana; porque em cada um de seus semelhantes como elle via um antagonista feroz, um rival temivel que era preciso combater por todos os meios com todas as armas, sem trepoas, noite e dia, n'uma lucta encarniçada e incessante.

Via o mundo, como se tivesse no espirito oculos roxos que a tudo emprestassem a côr sombria de um pezar profundo.

A existencia para elle era como que um grande dia nebuloso, de chuva, um dia triste, sepulchral, agitado pela ventania furiosa que geme nos ramos das arvores.

Era uma tristeza immensa que lhe ia pe' alma do primeiro ao ultimo do anno; sem uma solução de continuidade, sem um parenthesis alegre. A alegria era de certo para elle uma palavra vasia, completamente vasia, ôca de qualquer sentido. Nunca a experimentar nem tivera jámais, se quer, as suavissimas e suggestivas impressões de um momento de prazer.

Severo no porte, miseravel no traje; uns farrapos immundos, colhidos talvez em algum beicho muito

ordinario, ou ate quem sabe? ladiva ou esmola de algum espirito generoso, cobriam-lhe o corpo magro e angustoso, branco, de uma brançura excessiva e repugnante, fazendo lembrar couro pellado, sem colorido...

Não o preocupava absolutamente a hypothese do frio ou do calor, do sol ou da chuva...

Resistia a tudo com a mesma calma, com a mesma imperturbabilidade.

E nunca ninguem o vira doente nem lhe ouvira uma queixa. Parecia de ferro o demonio do homem para quem eram indifferentes os calores tropicaes ou os frios siberianos.

Estava bem em qualquer clima; qualque meio lhe conviria, ou nos sertões d'Africa, ou nas gélidas regiões de Scandinavia.

E assim vivia elle, dormindo ao releuto, sob qualquer arvore, debaixo de qualquer coberta, à beira das estradas.

Por uma especie de terror supersticioso, natural nas almas candidas e ingenuas da população camponesa, todos se afastavam d'elle, chegando até as mulheres a dizer que aquelle homem tinha neg cio com o diabo.

Contavam vagamente os mais velhos do lugar que o pobre era idota; e que aquillo lhe viera de uns amores, isso havia já muito tempo, quando elle ainda era moço. Quando? Ninguem ao certo poderia determinar a data.

Mas os moços, os modernos, os que tem por habito (bem mau habito!) zombar dos velhos, esses duvidavam de que o triste soffresse as consequências do mal de amores.

Pois alguma poderia apaixonar-se por semelhante mumiã!

E ninguem calculava que semelhante mumiã podia ser os restos de algum rapazão forte e bello de outros tempos.

O que é facto é que quando elle morreu — amanche-

ceu morto um dia encontraram-no com a mão direita comprimindo fortemente a bocca...

Era uma môcha de cabellos louros que elle parecia ter beijado no momento extremo... cabellos de mulher!

A NOSSA GRAVURA

Um Idyllio na Floresta de Spree

Ultimamente tem se adquirido o habito de se passear muito na floresta do Spree e realmente um tal passeio é um dos mais agradaveis e pittorescos. Não é somente a belleza do local que age sobre os visitantes, mas tambem o de, no centro do imperio allemão, encontrarem um povo que ainda conserva a sua escrividm não so na linguagem como nos seus habitos, e o ali encontrarem, não raras vezes, individuos que não fallam uma palavra de allemão.

O paiz é todo cortado pelo Spree; ha ahí grande numero de canaes e por isso as communicações entre as diversas aldeias quasi sempre são feitas por sobre aguas. Quem, porém, suppoz encontrar ahí paysagens monotonas como as da Hollanda, engana-se pois vai encontrar vastos prados e campos cultivados, separados por grandes regiões florestaes. Quando se vai em um bote de uma aldeia à outra atravessa-se muitas vezes uma floresta. Os galhos das arvores se inclinam por sobre a agua e formam uma abobada verdejante de modo a não se poder ver o céu. Não se ouve sem algum a não ser o ruído dos remos n'agua. As cascas cobertas de palha são pequenas e não ornamentadas mas a posição das mesmas as torna pittorescas.

Moldes Cortados

N. 1 Corpinho 13000. N. 1280 Manga franzia 100 Pelo corredo mais 300.

AS MÃES DE FAMILIAS

PILULAS DE NECTANDRA AMARA

RECURSO AO ALCANCE DE TODOS OS DOENTES DO ESTOMAGO E INTESTINOS

São bastantes as seguintes Importantes commoicações do Sr. presidente da Camara Municipal de S. José, Estado do Rio de Janeiro: do Sr. presidente da Camara Municipal de S. José, Estado do Rio de Janeiro: do Sr. presidente da Camara Municipal de S. José, Estado do Rio de Janeiro...

S. João Marcos, 1º de Julho de 1897 — Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Tão sadio na verdade tão satisfactorio os resultados obtidos pelo uso das pilulas de Nectandra Amara em nossa casa e na de alguns amigos a quem communiquei-os que, na qualidade de presidente da Camara Municipal, a qual tem a meu cargo a manutenção de uma casa de caridade aqui, pedi ao digno facultativo da mesma que as applicasse n'aqueles casos em que posso utilis- aproveitar bem com estimo, attenção, venerador e creio — José Paulo Ribeiro de Almeida.

S. José do Pied. 12 de Fevereiro de 1897 — Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Rio de Janeiro — Amigo e amigo — Com a devida prezança peço-lhe o especial obsequio de agradecer-lhe 12 caixas de pilulas de Nectandra Amara. Muito sadio e reconhecido por demais são os effectos do precioso medicamento Nectandra. Não dignos de todos os recomenções que tanto cooperarão para o descobrimento de tão precioso remédio. Subcreto-me, com muita consideração e estima, da V. S. amigo, obrigado e servo — Luiz Rafael Teixeira do Sáez.

Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda. Carboeiro do Hamperim, Estado do Espirito Santo, 6 de Abril de 1897. — Fico nesta para pedir-lhe ter a bondade de arranjãr doze caixas de pilulas de Nectandra Amara e mandã-las entregar em casa de meus correspondentes de Sra. Cergulira Souza O. G. de quem receberã o importe das mesmas. Tambm empregado as pilulas de Nectandra Amara e sempre com feliz resultado, e com razão pôde-se mesmo chamar-se remédio sadio; tenho tambem vontade de experimentar o seu effecto embo da minha preparaçã e assim que puder mandã-las vir. Tambm recomendo a todas as pessoas que não deixem de ter em casa tão precioso remédio e dãdo a alguma direcção da sua casa para poderem pedir. Termino, com alta consideração da V. S., admiradora e criada. — Maria Magdalena de Souza Passado.

Alcabças, Estado da Bahia, 2 de Abril de 1897. Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Remedio muito deoito 2890 para V. S. ter a bondade de remetter-me uma caixa com pilulas de Nectandra Amara, pelo que ficarei muito agradecido; lesto de remetter-me, como pela grande descoberta das amidas pilulas, que para mim é um dos melhores remédios que tenho applicado em minha familia, da qual tenho tirado grande resultado. — sou com toda estima e consideração, da V. S. amigo, criado e obrigado. — Manoel Oliveira.

Mostrãr estas commoicações a grande efficacia das pilulas de Nectandra Amara, remedio Paulista, para todas as enfermidades do estomago e do tuboalvo, e a facilidade de obtel-as em qualquer parte do mundo, sem precisar de receitas, e a facilidade de applical-as em todas as idades, e a facilidade de applical-as em todas as idades, e a facilidade de applical-as em todas as idades...

N. B. — As Pilulas de Nectandra Amara, remedio Paulista, são formuladas com a mesma dosegada da NECTANDRA AMARA, para irem com a mesma facilidade por correio, para qualquer parte do mundo, sem precisar de receitas, e a facilidade de applical-as em todas as idades, e a facilidade de applical-as em todas as idades...

Para o ENJOJO DE MAR, para as vertigens, para as fricções de pernas e de oculos, para as vertigens de molas, para as fricções de pernas e de oculos, para as vertigens de molas, para as fricções de pernas e de oculos...

ENJOJO DE MAR

ADMIRAVEIS RESULTADOS

Não constata-se as commoicações a attestado os seguintes, que justificam a extraordinaria efficacia da NECTANDRA AMARA, remedio Paulista, contra o terrivel ENJOJO DE MAR e todos os males ENJOJO e enfermidades do estomago e do tuboalvo, e a facilidade de obtel-as em qualquer parte do mundo, sem precisar de receitas, e a facilidade de applical-as em todas as idades, e a facilidade de applical-as em todas as idades...

Em 7 de corrente um negociante da S. Paulo nos escreveu o seguinte: « O meu socio W. a quem recomendei a NECTANDRA para enjojo de mar, conta-me que a sua irmã escreveu-lha de Londres, maravilhada pelo resultado que obtve a bordo.»

Em 19 de Maio proximo passado o distincto medico Dr. Euzani Pinto escreveu as applicações e observações que fez a bordo do paquete Gladio, nos seguintes termos: « Casos de enjojo de mar, tratados pela intem de Nectandra Amara, 26, sendo que em 21 o resultado foi completo, observado nos quatro restantes grande melhora; casos de periartralgia, gastralgia, vertigens, tratados pelo mesmo medicamento, com melhora que destes se faz mister destacar o caso do Sr. senador federal A. A. atestado de vertigens, náuseas, insomnias; o caso do Sr. R. C. passageiro de ré, embarcado em Pernambuco, com destino ao Pará, soffrendo de gastralgia intoleravel que o importunava já ha um mez antes do embarque, e o caso do Sr. E. M. passageiro de ré, tambem embarcado no Pará, com destino a Manaus e accumulando de colica e vomitos incoercíveis. Em todos esses casos bem como nos demais cios restantes, o effecto obtido foi completo e rapido.

Antes destes resultados mais uma vez attesto que para enjojo de mar e para as periartralgias gastro-intestinaes os preparados de Nectandra Amara são de um amprago facil a seguir.»

Em 9 de Outubro de 1895, o chirurgio do Corpo de Saude da Armada, Dr. Henrique Hauguen, nos escreveu o seguinte: « Attento que em viagem em navio de guerra tenho ido occasião de empregãr a diluira de Nectandra Amara de Antio Lelvas contra diversos casos de enjojo, sempre com excellentissima resultãdo. O referido a verdade sob a fé do meu grão.

Capital Federal, 9 de Outubro de 1895 — Dr. Henrique Hauguen.»

Em 17 de de Agosto de 1895, o Sr. Lanciani nos escreveu o seguinte: « Rio de Janeiro, 17 Août 1895 — Monsieur J. B. de Miranda. Conformément à la promesse, j'ai adjoint lui le plaisir de vous remettre inclos la lettre de Miss Richardson la dame, dont je vous avais parlé et qui est si enchantée de l'efficace de la Nectandra Amara contre son mal, remède qu'elle a essayé sur les instances de personnes connues et sans aucun espoir d'obtenir un bon résultat. Car elle d'avait jamais été soulagée par aucun des remèdes employés contre cette maladie, dont elle souffrait tant chaque fois qu'elle mettait la pieds à bord sur bateau.

J'ai l'honneur d'être votre ardent dévoué. — M. Amélie Lecard a Lettre de Miss Richardson: I have much pleasure in testifying to the merit of Nectandra Amara as a remedy for sea sickness. I used it recently on a voyage, and found it most efficacious. — Rio de Janeiro, 15th August 1895.

Em 10 de Outubro de 1895, o Exm. Sr. Pava Lima nos escreveu o seguinte: « Rio, 10 de Outubro de 1895. — Amigo Bueno de Miranda. — Ha longos annos sempre empreguei os seus preparados de Nectandra Amara em pessoas de minha familia, e com muito successo, sem precisar de receitas, e a facilidade de applical-as em todas as idades, e a facilidade de applical-as em todas as idades...

N. B. — Os preparados da NECTANDRA AMARA, remedio Paulista, tiram um prospecto em tres linguas — portugueza, ingleza e franceza. — Vendem-se em todas as pharmacies e droguarias, e o deposito do fabrico está na rua de S. Pedro n. 74, sobrado, Rio de Janeiro, Brazil.